

A vida secreta de meu tio

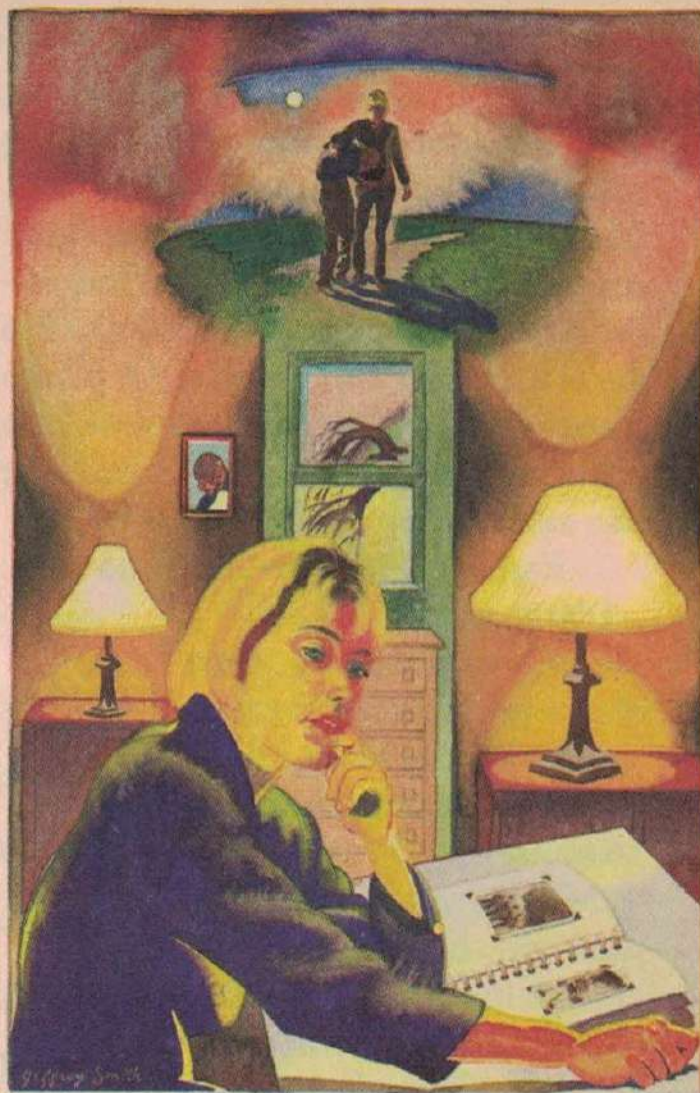
Depois de tantos anos ouvindo histórias sobre ele, quis saber mais a seu respeito

Por SHEILA ALLEE

MEU TIO e eu estamos na fila de uma lanchonete. Eu, alta, loura e clara, a mão sobre as costas arqueadas de tio Melrose. Titio também é claro, mas muito baixo. Seu corpo é curvado, em decorrência da escoliose, e os olhos límpidos e azuis são estrábicos. Ele aponta para as pessoas na fila e fala de modo tão ininteligível que só eu consigo entendê-lo.

Quando dou por mim, meu tio de 70 anos, deficiente mental, está abraçando um rapaz na fila. Como seus braços só chegam até a cintura do rapaz, o tio o abraça naquela altura.

— Largue! — exclamo, pedindo



Visita a tio Melrose— O gesto da sobrinha tem resultados inesperados.

desculpas ao jovem, enquanto meu tio o solta.

— Tudo bem. — O rapaz sorri, para meu alívio.

Nem todos são tão compreensivos, porém. Na rua, tio Melrose aponta para as pessoas e lhes acena quando estão a centímetros de distância. Às vezes o alvo de seu cumprimento diz olá ou acena de volta. Mas em geral as pessoas desviam o olhar, ou o encararam incrédulas.

Considero uma sorte conhecer tio Melrose. Soube de sua existência por

acaso, aos 15 anos. Numa tarde eu estava olhando umas fotos da família, quando encontrei uma de três garotinhos na varanda da frente de uma casa modesta. A foto deve ter sido tirada quando meu pai, o mais velho da foto, tinha uns 9 anos. O irmão Tracy devia ter 8. O terceiro menino parecia um ano mais novo, mas eu não sabia quem era.

– Esse é o *Pie* – disse minha mãe.

– Irmão de seu pai.

– O que houve com ele? – perguntei.

– Está internado numa escola do estado desde os 16 anos.

Mamãe me contou que meu pai, o mais velho de cinco filhos, tinha praticamente criado o irmão deficiente. Quando pequeno, Melrose, apelidado de *Pie*, não conseguia falar direito e tinha a cabeça menor do que o normal.

Precisava de ajuda para ir ao banheiro e amarrar os sapatos. Necessitava de muitos cuidados, e essa tarefa coube ao meu pai.

Às vezes, frustrado diante de um mundo que não compreendia ou com o qual não sabia lidar, Melrose atirava-se ao chão e esperneava, socando o ar com os punhos. Praguejava e berrava.

Quando a família não sabia mais o que fazer com ele, minha avó dizia a papai que levasse o irmão para dar uma volta de carro. Isso em geral o acalmava. Às vezes papai o levava à

lanchonete para tomar um *milkshake* – ou um “mocha”, como dizia Melrose. Um “mocha” sempre conseguia deixá-lo satisfeito.

Ao chegar à adolescência, tornou-se impossível. Parecia não haver alternativa: era preciso internar Melrose numa escola pública para deficientes em Austin, no Texas, a cerca de 130 quilômetros de onde a família morava, em San Antonio.

De vez em quando, vovô e vovó o levavam para casa, de visita. Mas as despedidas eram de cortar o coração. Melrose se enfurecia e se debatia nas viagens de volta. Com o tempo, o pessoal da escola aconselhou a família a não voltar. Seria melhor para todos, disseram, se não houvesse mais despedidas dolorosas.

Mesmo assim, uma vez mamãe e papai levaram

tio Melrose para uma visita, pouco depois de se casarem. Ele e papai sempre tinham dormido juntos quando crianças, e titio não compreendia por que papai não estava na cama com ele. Melrose enraiveceu-se e bateu pé.

– Traga aquele homem para cá! – esbravejou.

Papai conseguiu fazer passar aquele acesso de cólera apontando para o próprio ombro e pedindo que Melrose batesse nele. Melrose ergueu o braço para bater, e depois soltou uma gargalhada.

Eu soube da
existência de
tio Melrose
por acaso,
numa tarde,
quando
estava com
15 anos.

Guardei essas histórias num arquivo mental e segui com minha vida. Mas sempre me perguntei como ele estaria, já adulto. Quando me mudei para Austin, em 1991, e fui trabalhar no órgão estadual responsável pelas instituições que tratam de deficiências mentais, resolvi procurar por ele.

NUMA LUMINOSA tarde de outubro, fui até a Escola Estadual Travis. A assistente social responsável pelo tio Melrose me disse que, aos 70 anos, ele tinha um apetite saudável, e caminhava, ouvia e via razoavelmente bem. No entanto, com um Q.I. de 16, estava na faixa mais limitada de deficiência mental.

A assistente social acompanhou-me à sala de recreação para ver tio Melrose. Alguns homens estavam sentados à mesa que havia no meio da sala; um deles era bem baixinho e seu rosto mal aparecia acima do tampo da mesa. Meu tio Melrose. Era muito baixo, talvez apenas 1,60 m, de braços e pernas finos, e quase não tinha cabelos, a não ser uma coroa de poucos fios louros de orelha a orelha. Ele olhou para mim com seus olhos azuis, francos e vulneráveis, como só um membro da família de meu pai poderia ter. Quando a assistente social nos apresentou, tio Melrose estendeu a mão

grande e ossuda sobre a mesa e apertou a minha com força.

– Lembra-se de *Dub*? – perguntei, mencionando o apelido de meu pai.

– É – ele murmurou.

– Ele é seu irmão?

– É.

– Eu sou sua sobrinha, tio Melrose.

– Tudo bem.

– Gosta daqui?

– É.

Ele não podia
saber o que
era uma
sobrinha. Mas
acho que de
certo modo
sabia que
éramos ligados.

Dizia “é” para tudo.

Sentei-me à mesa segurando-lhe a mão, os olhos cheios de lágrimas, sem saber o que dizer. A assistente tentou ajudar.

– Melrose, não é bom receber a visita de sua sobrinha?

– É.

Ele não podia saber o que era uma sobrinha. Mas imaginei que de certo modo soubesse que éramos ligados.

– Melrose, aí vem o Willie – disse a assistente, quando um dos ajudantes se aproximou.

Meu tio soltou minha mão e passou os braços em torno dos quadris de Willie.

– Olá, meu rapaz – disse Willie, afagando-lhe as costas.

Willie sentou-se à mesa conosco e me disse que Melrose era um verdadeiro cavalheiro e tinha muita consideração pelos outros colegas no dormitório 23. O ponto alto do dia era recolher o lixo. Todos os dias de manhã ele ia aos cubículos onde os ho-

mens tinham seus beliches e apanhava as latas de lixo.

No fim da visita, a assistente insistiu para que tio Melrose me abraçasse e ele obedeceu, os braços magros me envolvendo logo abaixo da cintura, a cabeça pousada em minha barriga. Eu disse que voltaria.

Nos MESES seguintes, visitei tio Melrose muitas vezes. Ele gostava muito de caminhar, embora tropeçasse e agarrasse com força meu braço para se apoiar. Andávamos pelo terreno da escola porque eu não tinha coragem de sair com ele. Meu tio ainda tinha acessos de raiva e eu não sabia o que poderia fazer durante um deles.

Então, numa tarde de sábado, resolvi arriscar e levá-lo a uma lanchonete para tomar um refrigerante. Quando fui buscá-lo, ele começou a bater com os pés e a gritar "Não!".

Perguntei se ele queria dar uma volta de carro.

— Não!

Tornei a perguntar; ele disse "O.K." e saímos, aos tropeções.

Depois que entramos no carro, tio Melrose sentiu-se no paraíso. Olhava pela janela e apontava para os outros carros. Afaguei sua careca e perguntei como ele se sentia.

— Bem — respondeu. — Aonde vamos?

— Tomar um refrigerante.

— Aonde vamos?

— Tomar um refrigerante.

— O.K.

Ele então segurou minha mão com uma força espantosa.

MUITAS VEZES eu falava com meu pai sobre tio Melrose e ele dizia que estava contente por eu visitá-lo, mas nunca se propôs a ir comigo. Creio

que era doloroso demais para ele. Nos primeiros anos de seu casamento, papai quis comprar um terreno maior e levar o irmão para morar com ele. Mas quando mamãe engravidou do primeiro filho, o médico dissuadiu-o dessa idéia. Tio Melrose poderia, sem querer, machucar a criança quando estivesse em crise, advertiu o médico. Meu pai ficou des-

lado ao ver que não poderia tomar conta de *Pie*, e acho que ele sempre pensou que, de algum modo, era responsável pela situação do irmão.

Um reencontro dos dois irmãos parecia pouco provável. Então, na primavera de 1992, o estado do Texas resolveu fechar a Escola Travis. Como tio Melrose teria de se mudar, convocou-se uma reunião a fim de se resolver para onde ele iria. Para meu espanto, papai disse que compareceria.

A reunião foi numa tarde fresca e ensolarada de abril, na escola estadual. Quando mamãe, papai e eu

A escola
marcou uma
reunião para
decidir o
destino de meu
tio. Para meu
espanto, papai
resolveu ir.

chegamos, sentamos num semicírculo de cadeiras e esperamos que tio Melrose chegasse. A assistente social já estava lá, bem como outros profissionais que trabalhavam com meu tio. Quando Willie fez tio Melrose entrar, meu pai levantou-se de um salto e foi em direção ao irmão. O rosto de tio Melrose iluminou-se e pela primeira vez eu o vi sorrir.

– Papai! Papai! – exclamou, rindo e abraçando a cintura de papai com seus braços ossudos.

– Eu não sou papai – disse meu pai, corando. Ele ria e abraçava o irmão encurvado. – Sou o *Dub*.

Quando papai levou tio Melrose para uma cadeira, eu chorava. Mãe chorava. Todos, menos papai e tio Melrose, choravam. Fazia mais de 50 anos que os irmãos não se viam.

Num mundo perfeito, meu pai e o irmão teriam se reunido definitivamente, depois daquele primeiro encontro. Mas isso não aconteceu. As visitas eram difíceis para meu pai idoso, que reassumiu o antigo papel de cuidar do irmão, acompanhando-o ao banheiro e ajudando-o a comer. Havia tristeza e culpa, mas também a dura realidade da idade de papai e de sua frágil saúde. Houve mais alguns encontros entre os dois antes da morte de meu pai, em 1997.

Desde então, meu tio é tudo que me resta de papai – seus silêncios, seu amor mudo. Mas não é só isso. Tio Melrose e eu nos tornamos amigos.

Começamos saindo para almoçar. Ele come de tudo – hambúrguer, batata frita, refrigerante. Corto o ham-

búrguer em quatro pedaços e o ensino a mergulhar as batatas fritas no *ketchup*. Meu tio come tudo, mas leva tempo – em geral uma hora. Ele tem poucos dentes e precisa mastigar muito. Mas adora comer suas batatinhas e acenar para as pessoas.

De vez em quando falamos pelo telefone. Tio Melrose me diz que está “Tudo bem” e depois pergunta uma porção de vezes: “Onde você está?” Respondo uma porção de vezes e ele por fim pára.

ÀS VEZES SE PASSAM dois meses sem que eu me aventure a percorrer os mais de 60 quilômetros até o lar comunitário onde atualmente mora. Passamos pelo ritual de bater pés e gritar, e entramos no carro para meu tio passear, comer um hambúrguer ou tomar um “mocha”, como fazia há quase 70 anos com meu pai.

Nunca conversamos muito, há apenas um tranquilo sentimento de união entre nós. Às vezes ficamos de mãos dadas. Quando nos despedimos, nos abraçamos com força, tio Melrose comprimindo a cabeça pequena contra a minha barriga.

Quando me perguntam por que vou visitá-lo, digo que o tempo parece parar quando tio Melrose e eu estamos juntos. Esqueço-me de mim e me concentro totalmente naquele homenzinho infantil, ferido, que precisa de muita atenção. Há uma ironia divina nesses encontros: com tio Melrose, encontrei o que existe de melhor e de mais verdadeiro em mim.
